



1

MOZAL / ~~ten~~ Convivência

PES. PROGRAMA ~~EDUCAÇÃO~~ PI SAUDE

inúmeras

relações visita bases

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - MEC
FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO - MOBRAF
GERÊNCIA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA PARA A SAÚDE - GEPES

RELATÓRIO DE VIAGEM DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Período: 16 a 19 de janeiro de 1979

Objetivo: Avaliação do primeiro convênio do PES em Osasco

Técnica: Anne Marie Milton Oliveira (GEPES)

INTRODUÇÃO

O Programa de Educação Comunitária para a Saúde foi implantado pela primeira vez em Osasco em outubro de 1978 - o convênio foi assinado em 25/09/78, o treinamento básico dos monitores foi realizado de 2 a 6 de outubro e as atividades começaram a partir do dia 9 de outubro - .

Tratava-se de uma experiência nova para o PES, pois, até aquele momento, este se caracterizava essencialmente como um Programa rural (80% de seus grupos se encontravam em distritos, vilas e fazendas enquanto os 20% restantes se situavam na zona urbana de municípios pequenos ou médios).

Em Osasco, pela primeira vez, o PES era implantado num grande centro urbano e nas áreas mais carenciadas deste centro: suas favelas. Por isso, havia no início muitas dúvidas e expectativas sobre a forma como o Programa ia se comportar em tais condições. Este fato determinou o grande interesse do MOBRAL Central e Estadual em participar da avaliação do primeiro convênio, a qual se realizou de 16 a 19 de janeiro de 1979.

Nesta avaliação foram abordados seis grandes aspectos:

- Os grupos participantes
- Os monitores
- As atividades desenvolvidas
- A informação do monitor
- A integração com outras entidades
- A supervisão aos grupos participantes

OS GRUPOS PARTICIPANTES

Até a implantação do PES, eram quase inexistentes os grupos organizados nas áreas livres (favelas) de Osasco. A Igreja Católica e a Secretaria Municipal de Promoção Social já vinham desenvolvendo atividades comunitárias junto aos moradores dessas áreas.

Uma vila de artistas também vinha promovendo recreação comunitária junto aos habitantes de uma área próxima, principalmente às crianças. No entanto, em nenhum caso, a sede dessas ações se situava dentro da favela.

O PES deu continuidade, desde o início, a todas essas atividades, procurando integrar-se a elas, ser um multiplicador dos seus resultados e fortalecer o sentimento de união dos moradores das áreas livres.

A mobilização dos grupos participantes não foi tarefa fácil. O favelado é uma pessoa sofrida e que, por isso, se tornou, muitas vezes, descrente e resistente a qualquer iniciativa vinda de fora da área. Os monitores enfrentaram muitas dificuldades e até, em certos casos, rejeição, antes de conseguirem formar seus grupos. A mobilização se deu, principalmente, através de visitas domiciliares durante as quais já começaram a ser levantados os problemas da área. Nesta fase usou-se, também, de atividades de caráter assistencial (encaminhamentos a órgãos de saúde ou educacionais, obtenção de remédios, alimentos e, principalmente, documentos) para suscitar o interesse dos moradores da área. Em alguns casos foram utilizados os cartazes de divulgação do PES.

A maioria dos participantes do PES reside na favela. Existe, no entanto, um grupo fora da favela. Trata-se de um grupo de mães que já vinha se reunindo regularmente e que passou a ser também grupo do PES. O interessante é o caráter multiplicador desse grupo: várias mães começaram a sensibilizar-se pela problemática das favelas vizinhas ao bairro onde moram e se propõem, agora, a trabalhar na área como monitoras durante o próximo convênio.

A frequência média de participação às reuniões se situa entre 15 e 50 pessoas. Em alguns casos excepcionais compareceram mais de 100 pessoas. Existe, no entanto, principalmente nas favelas grandes, uma rotatividade expressiva (apenas um pequeno núcleo de elementos assiste a todas as reuniões, a maioria só comparece de vez em quando).

A composição dos grupos é essencialmente feminina, mas, em certas reuniões, os homens compareceram também maciçamente.

De uma forma geral, o balanço desse primeiro convênio em relação aos grupos participantes é bastante positivo. Dada a importância das barreiras iniciais, podemos considerá-lo bastante satisfatório. Pela primeira vez, os moradores das favelas, que viviam habitualmente isolados e divididos entre si começaram a se unir e a perceber que, unidos, conseguiam alcançar melhoria de suas condições de vida. Apesar de ainda instáveis (a rotatividade é grande), esses grupos tiveram um efeito multiplicador: a partir deles, vários grupos estão surgindo, tanto nas favelas atualmente atingidas, como em outras. Já foi, inclusive, solicitada a formação de grupos em áreas não faveladas da cidade (bairros populares e conjuntos habitacionais). Isso também tende a demonstrar que o PES está promovendo uma abertura dos favelados para a comunidade como um todo, da qual eles são tradicionalmente isolados.

A maioria desses grupos deverá ter continuidade, pois o processo foi apenas iniciado nesses quatro meses. O principal fator de motivação dos participantes para essa continuidade é o desejo de obter a ligação das favelas onde moram às redes de abastecimento de água e energia elétrica. Estes foram de forma unânime, os principais problemas levantados nas reuniões e todos estão empenhados nesse objetivo. O consenso dos monitores é que, se essas melhorias não forem conseguidas, haverá desânimo e até dissolução dos grupos, tamanha é a expectativa neste sentido. Em consequência disso, a Prefeitura Municipal de Osasco e, em particular, a Secretaria de Promoção Social, estão empenhadas em fornecer todo apoio às iniciativas dos grupos neste sentido, como veremos posteriormente.

OS MONITORES

Foram sessenta e sete as pessoas que, no início, se propuseram a ser monitores do PES após terem recebido o treinamento inicial. Não houve, de fato, seleção deles. As assistentes sociais da S.P.S. abriram uma inscrição na comunidade e todos os candidatos foram aproveitados (na realidade, o número de participantes do treinamento inicial foi de noventa, vinte e três desistiram logo depois).

Desses sessenta e sete monitores iniciais, cinquenta e cinco persistiram até o fim do convênio o que, dada a importância das barreiras enfrentadas, pode ser considerado um índice muito bom.

A maioria desses monitores não são moradores da favela e sim de bairros limítrofes. Apesar de pertencerem a um meio popular, foi para eles difícil penetrar na favela e organizar seu trabalho. Alguns não resistiram à soma de carências encontradas na área, e desistiram. Muitos ainda se mostram inseguros e, de certa forma, bastante dependentes da supervisão.

Grande parte deles tem escolaridade de nível primário incompleto, o que, à primeira vista, poderia parecer um empecilho para o bom desenvolvimento do seu papel. No entanto, se levarmos em conta que o PES é, antes de mais nada, um Programa de Educação Comunitária, veremos que o mais importante é que o monitor seja um líder, uma pessoa capaz de promover a união dos participantes em torno de um objetivo comum (a melhoria de suas condições de saúde). Nem sempre o elemento que tem um nível escolar alto tem essa qualidade e, vice-versa, uma pessoa de nível escolar mínimo pode ser um líder notável. Este fato foi comprovado em mais de um caso em Osasco.

Assim, o papel do monitor ultrapassa, em muito, o de um instrutor encarregado de ministrar noções de saúde e higiene. Alguns já se tornaram, em Osasco, amigos de grande parte dos habitantes da área.

Isso faz com que, apesar das dificuldades enfrentadas, os monitores se sintam profundamente gratificados pelo seu trabalho e queiram, na sua maioria, continuar no próximo convênio, conforme os depoimentos dados por eles durante a avaliação:

"... Gostaríamos de continuar porque sentimos amor ao povo, aprendemos muito com eles. Houve dificuldade mas houve mais união. A convivência deles mudou para melhor. Agora que somos amigos deles, queremos continuar... dependendo das condições que o MOBREAL oferecer e exigir..."

"... (O PES) foi uma experiência válida. Aprendemos muito com eles, aprendemos a viver em grupo. Agora eles não estão mais isolados, marginalizados. O PES nos deu autoridade para organizar os favelados em torno de seus problemas e tentar resolver junto com eles..."

"... Em princípio sentimos angústia devido aos problemas, mas assimilamos de acordo com os recursos e procuramos os Órgãos competentes..."

"... Muitos faziam esse trabalho, mas o PES veio enriquecer, ampliar..."

Talvez tenhamos aqui um dos pontos mais importantes do PES em Osasco: o envolvimento, a identificação do monitor com a problemática dos favelados. Vários cumpriram muito mais do que o mínimo exigido pelo Programa, indo repetidas vezes à área durante a semana, acompanhando os participantes até os Órgãos onde seus problemas poderiam ser resolvidos, deixando, muitas vezes, suas casas e obrigações familiares para tal. Diante disso, podemos nos mostrar francamente otimistas quanto ao potencial de crescimento dos monitores de Osasco e, em consequência, de seus grupos.

AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Todas as atividades desenvolvidas pelos grupos se basearam no levantamento inicial de problemas, feito entre os participantes.

Esse levantamento se faz por meio de uma pergunta lançada pelo monitor ao seu grupo: "Quais são os principais problemas de saúde da área, quais são suas causas, como poderíamos tentar resolvê-los?"

Em sua quase unanimidade, os grupos de Osasco acharam que os principais problemas de saúde das áreas faveladas eram provocados pela falta de energia elétrica (a fumaça das lamparinas de querosene era responsabilizada pelo grande número de casos de bronquite) e de água tratada (a quase totalidade das fontes de água e poços da área são contaminados).

Não podemos negar que a energia elétrica faz parte das necessidades básicas para o bem-estar de qualquer população. De grande necessidade também é o uso de água tratada, pois são inúmeros os casos de diarreias e desidratação infantil verificados na área, diretamente provocados pela contaminação da água.

Ao lado desses dois problemas principais, outros foram levantados tais como: presença de ratos, lixo jogado na área (inclusive por moradores dos bairros circunvizinhos), córregos sujos, precariedade das construções, desnutrição, verminose, falta de vacinação, falta de documentação, falta de higiene, analfabetismo, desapropriações de barracos etc.

Um grande número de atividades foi desenvolvido com base neste levantamento de problemas. Predominaram, de forma geral, atividades de encaminhamento para os diferentes órgãos responsáveis da comunidade, visando, entre outros, vacinação, hospitalização, exames laboratoriais, consultas médicas, alfabetização, obtenção de remédios, alimentos, agasalhos, cloro para tratamento de água, documentos etc.

Ao lado disso, houve mutirões para reforma de barracos, limpeza da área (córregos, quintais, valas), construção de fossas e banheiros, proteção de poços e fontes de água. Houve formação de hortas, assim como tentativas de tratar a água consumida.

Em várias favelas, houve uma conscientização muito grande em relação ao problema do lixo. Foram feitos mutirões de limpeza e contatos, no sentido de obter a coleta do lixo no local. Os participantes de um determinado grupo chegaram até a visitar os moradores das casas vizinhas da área, os quais jogavam detritos nela, a fim de que não mais o fizessem. Foram colocadas placas proibindo jogar lixo no local.

Todas essas atividades foram de certa forma mobilizadoras e serviram para sedimentar a união dos grupos. No entanto, como foi salientado anteriormente, as atividades que suscitaram maior interesse entre os moradores das áreas foram as que se referiam à obtenção de água e luz.

Antes da implantação do PES, os moradores de uma pequena favela, liderados por um deles, já tinham iniciado o processo, visando a instalação da luz. A ação do grupo do PES que foi implantado no lugar, veio reforçar essa iniciativa até que, a 19 de janeiro de 1979, com a presença do Dr. Guaçu Piteri, Prefeito da Cidade e de vários técnicos da Secretaria de Promoção Social, FUSAM e MOBREAL, a energia elétrica foi instalada na Vila Menck.

Já antes disso, muitos participantes do PES que tiveram conhecimento do fato, tinham ido até aquela favela a fim de inteirar-se dos procedimentos a seguir. Esses procedimentos já foram também cumpridos, em parte, por vários grupos.

Tendo em vista a importância dos pedidos, a Prefeitura Municipal, através de sua Secretaria de Promoção Social (S.P.S.) está atualmente empenhada em definir critérios de atendimento. Foi também sugerida a elaboração de uma "cartilha" esclarecendo os passos e prazos médios de cada etapa do processo a fim de que os grupos pudessem acompanhar o andamento do processo. Com efeito, muitas vezes, ocorrem tensões e ansiedades pelo fato dos participantes ignorarem em que ponto está este processo.

- Vejamos, por exemplo, o depoimento de uma monitora:

"A maior dificuldade é a água. Já foi feito abaixo-assinado e mapa e até agora não conseguiram nada. Como podemos falar de saúde sem que tenham água?" -

A "cartilha" se colocaria então como uma tentativa de aliviar essas tensões e como uma proposta educativa.

Face a tudo isso, podemos observar duas tendências nas atividades desenvolvidas pelos grupos participantes em Osasco:

A primeira se refere a uma visão ainda paternalista do papel do monitor. É ele o principal impulsionador e até o executor da ação. É ele quem encaminha, providencia, assume as atividades. O grupo é, ainda, quase totalmente, dependente dele. Não cabe aqui criticar tal atitude do monitor pois face à marginalização em que se encontram os moradores das áreas, a maioria sem instrução e oriunda das zonas rurais mais carentes do País, faz-se necessária a presença de um "mediador" capaz de decifrar a complexidade da sociedade urbana e tornar acessíveis a eles os benefícios que ela oferece. Neste sentido, todas as atividades "individuais" (encaminhamentos, obtenção

de doações etc....) desenvolvidas pelos monitores são positivas e devem ser mantidas.

Mas não seria bom ficar sô nelas. Por isso, deverá ser incentivada, cada vez mais, a segunda tendência verificada nas atividades dos grupos: a comunitária. Mutirões, campanhas de conscientização dentro e fora da favela terão um efeito cada vez mais positivo e multiplicador na melhoria das condições de saúde e higiene da população favelada e da população em geral. Além disso, ajudarão na criação de um senso de comunidade, tanto nas áreas livres como a nível de município. E é essa a proposta do PES: que as atividades desenvolvidas pelos grupos promovam não somente uma elevação do padrão de saúde dos participantes como também a educação comunitária, a formação de um senso de comunidade entre todas as pessoas que o Programa atinge.

A INFORMAÇÃO DO MONITOR

Como já foi focalizado antes, o monitor do PES não é de forma geral, um especialista em assuntos de saúde. Considerou-se mais importante que ele fosse um líder pois é sempre possível ensinar a alguém noções simples que o tornem capaz de ser um incentivador da melhoria das condições de saúde de uma comunidade. No entanto, é difícilimo e talvez impossível ensinar "liderança" a quem não tem naturalmente tendência para tal.

Em consideração a isso, o material de apoio do PES visa essencialmente fornecer subsídios técnicos básicos aos monitores do Programa, na sua maioria de nível primário.

No entanto, esse material foi elaborado com um enfoque essencialmente rural pois objetivava atender uma clientela quase que totalmente residente no interior. Por isso, houve muitos receios em se colocar esse material nas mãos dos monitores de Osasco, pois temia-se que não correspondesse às necessidades levantadas pelos grupos.

Como previsto, observou-se uma inadequação relativa do material neste primeiro convênio. Isso foi particularmente evidente com o livro de Higiene e certos cartazes (como o de Alimentação).

O material mais usado foram os folhetos - lidos e comentados dentro e fora dos grupos -, assim como o Roteiro do Monitor que forneceu as orientações metodológicas básicas do Programa.

Face às lacunas existentes no material, quanto à problemática urbana, os monitores tiveram a iniciativa de recorrer às entidades de saúde do município, especialmente a FUSAM, o que consideramos extremamente positivo.

Os supervisores do PES em Osasco sugeriram também durante a avaliação, a elaboração de materiais, principalmente audiovisuais (tendo em vista o fato dos monitores terem dificuldade em assimilar documentos escritos) especialmente destinados às comunidades urbanas e faveladas. Para isso, foi sugerida uma pesquisa prévia na área, visando determinar os temas a serem abordados. (Os monitores já puderam citar alguns deles, tais como: tratamento do lixo, confecção de fossa e banheiro, conservação de bicas, melhoria e reforma de barracos, limpeza de área, correção etc.)

Foi também solicitada a continuação dos cursos sobre saúde realizados pela FUSAM.

INTEGRAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES

Uma das maiores preocupações do PES, quando é implantado num novo município, é a de articular-se às ações ali desenvolvidas por outros órgãos. Essa integração é considerada fundamental pelo MOBREAL.

O órgão mais importante de um município é, naturalmente, a sua Prefeitura. Por isso, a quase totalidade dos convênios do PES é assinada com as Comissões Municipais do MOBREAL, e interveniência das Prefeituras.

Em Osasco, o PES tem procurado se integrar da forma mais eficiente possível às ações já iniciadas pela Prefeitura Municipal, principalmente através de suas Secretarias de Promoção Social (S.P.S.) e da Saúde (FUSAM).

A S.P.S. já vinha desenvolvendo um trabalho intenso junto à população favelada de Osasco. O mais importante é que esse trabalho não visava "apenas prestar assistência mas promover a participação do Homem em sua coletividade"(*)

O PES veio se inscrever exatamente numa mesma linha. A formação dos grupos participantes permitiu um acesso maior da S.P.S. às áreas e, vice-versa, dos favelados à S.P.S. Os monitores de tornaram verdadeiros mediadores entre seus grupos e a S.P.S. - Isso pode ser, aliás, verificado em relação a qualquer Entidade do município. -, permitindo uma melhor sistematização da ação da S.P.S. nas áreas.

(*) Doc: OSASCO, GOVERNO DO POVO, 1978, Prefeitura Municipal

Desta forma, foi obtido um grande número de encaminhamentos de participantes visando obtenção de alimentos, agasalhos, documentação, auxílio funerário, vagas em escolas, creches, parques infantis etc...

A S.P.S. está também canalizando todos os pedidos de instalação de luz e água feitos pelos grupos. Neste sentido, seu papel é de grande responsabilidade pois a ela cabe definir os critérios segundo os quais os casos serão atendidos.

Os monitores depositam uma grande confiança na S.P.S. e, em vários momentos durante a avaliação, manifestaram o desejo de uma integração mais profunda ainda, entre sua ação e a da S.P.S.

Outra colaboração importante da S.P.S. ao PES foi o envolvimento constante de três de suas funcionárias na supervisão dos grupos e reciclagem dos monitores. Esses elementos não mediram esforços no sentido de oferecer um acompanhamento constante ao Programa e proporcionar apoio à Encarregada do PES no município.

Idêntico apoio dedicou a FUSAM ao PES, colocando também à sua disposição duas de suas funcionárias, uma para atuar na supervisão, enquanto a outra tornou-se a Encarregada do Programa em Osasco. Todas duas demonstraram total dedicação aos Grupos Participantes e Monitores que se encontravam sob sua responsabilidade.

Mas a integração do PES com a FUSAM foi mais além e se deu, principalmente, no atendimento constante das necessidades manifestadas pelos grupos no campo da saúde: cursos, palestras, orientações, campanhas de vacinação, obtenção de consultas médicas, exames laboratoriais, internamentos etc...

Outro aspecto muito importante foi a colaboração da FUSAM, por meio de cursos e orientações, na informação dos monitores em casos onde era necessário suprir ou complementar aspectos específicos da realidade de Osasco não suficientemente abordados pelo material de apoio do PES.

Assim, a ação da FUSAM e do PES se complementam naturalmente e é desejável que essa integração se torne cada vez mais estreita, visando proporcionar melhores condições de saúde à comunidade favelada de Osasco.

Na área de Educação, foram também conseguidas matrículas em escolas e em classes do PAF (MOBRAL). O Secretário de Educação, que é também Presidente do MOBRAL está oferecendo todo apoio ao PES.

Houve também integração do PES com as entidades religiosas, particularmente à Igreja Católica. Como salientamos no início, esta já vinha desenvolvendo todo um trabalho comunitário nos bairros onde se situam as favelas atingidas pelo PES. Trata-se de um trabalho profundo, amadurecido e podemos dizer que o bom desempenho do PES

se deve, em grande parte, a ele. Vários monitores do PES já estavam engajados neste trabalho de Igreja, o que os ajudou, sem dúvida, a entender melhor seu papel de liderança na comunidade e a levar adiante este papel de forma consciente.

A SUPERVISÃO AOS GRUPOS PARTICIPANTES

Dado o grande número de grupos existentes em Osasco, foi montado um esquema especial de supervisão. A Encarregada do PES na Comissão Municipal do MOBRAL (ENPES) recebeu o apoio de 5 auxiliares, denominados Supervisores (3 funcionários da S.P.S., 1 da PROSASCO e 1 da FUSAM)

Cada um desses Supervisores teve, ao seu encargo, um número variável de monitores com seus respectivos grupos.

Os setores de supervisão do PES foram determinados com base no mapeamento e divisão feitos pela S.P.S. anteriormente.

Cada supervisor reuniu seu grupo de monitores pelo menos uma vez por mês. Além dessas pequenas reciclagens (4), houve duas grandes, congregando todos os monitores.

Cada Grupo Participante recebeu de duas a oito visitas por parte do seu supervisor ou da ENPES. Essa presença do supervisor nas reuniões do grupo serviu para reforçar a posição do monitor. Permitiu também observar as principais dificuldades enfrentadas por ele.

Tanto nas reciclagens como nas visitas, foi evidenciada a necessidade de fortalecer o monitor, ajudando-o a apreender vários pontos, quais sejam:

- como penetrar na área;
- como formar um grupo;
- como acompanhar o crescimento do grupo.

Foi necessária também uma re-colocação do papel do monitor na área, pois muitos tinham uma visão ainda muito assistencialista dele.

O trabalho dos supervisores foi, portanto, extremamente profícuo pois permitiu uma correção rápida e eficiente dos pontos de estrangulamento surgidos no início ou no decorrer do trabalho.

Esses supervisores, assim como a ENPES, demonstraram grande interesse pelo trabalho, chegando a se reunir várias vezes por semana para discutir os problemas ocorridos e procurar soluções. Em numerosas ocasiões dedicaram parte do seu tempo de descanso, à noite e nos fins de semana, a visitar grupos, atender monitores, resolver casos de participantes etc...

CONCLUSÃO

Podemos afirmar que o PES começou realmente a trazer uma mudança na vida do favelado em Osasco. Pela primeira vez foi-lhe dada oportunidade de participar, assumindo um papel ativo na solução de seus problemas.

Como é de certa forma natural, os grupos não têm ainda uma estrutura estável. No entanto, vários indícios nos deixam supor que essa situação tende a melhorar. Já nas pequenas favelas, a rotatividade é menor. Outro ponto interessante foi a solicitação feita, por vários monitores durante a avaliação, da autorização de construir um barraco para o grupo na favela. Nesse barraco, além das reuniões, haveria sem dúvida, encontros e outras atividades dos participantes. Essa necessidade do grupo de ter um lugar "físico" seu, não deixa de ser extremamente interessante. Sugere a existência de um desejo por parte dele de ser reconhecido oficialmente pela comunidade, de ser, de alguma maneira "legalizado".

Isso ocorre também, de uma certa forma, com o monitor. Como salientou um deles: "O PES foi para mim a autorização legal de entrar na área". Vários monitores já vinham desenvolvendo um trabalho em favelas. Mas esse trabalho não tinha o aval oficial das autoridades do município. Assim, alguns monitores já estão se sentindo verdadeiros representantes dos favelados face a essas autoridades. Amanhã, o movimento se ampliando, eles poderão vir a constituir uma autêntica força na estrutura municipal, um fator de mudança desta estrutura visando dar voz ao favelado e fazer com que ele seja ouvido, aceito e integrado pelo resto da comunidade.

A mesma evolução observada nos grupos e nos monitores está também acontecendo em relação às atividades. Após um primeiro momento, onde era dada maior ênfase à "educação para a saúde" - o surgimento do PES em Osasco está muito ligado à FUSAM, numa perspectiva bastante tradicional (a de ensinar preceitos de saúde e higiene aos favelados) - houve uma mudança radical, provocada, pelos próprios monitores e grupos. A problemática da saúde, por ser realmente a mais premente na favela, permanece em posição de destaque nas preocupações dos participantes do PES. No entanto, ela não constitui mais o eixo dessas preocupações. Já é possível notar uma mudança de perspectiva no trabalho dos grupos onde os problemas de saúde são percebidos cada vez mais não isolados mas interligados com a problemática social como um todo. Isso se reflete nas atividades: são desenvolvidas tanto ações de melhoria sanitária (limpezas de área, tratamento do lixo, dos dejetos etc...) como ações visando uma melhoria das condições de vida em geral (instalação de energia elétrica, reformas de barracos). Tais ações tendem a promover uma organização da comunidade favelada (reuniões, mutirões, campanhas e abaixo assinados). São os instrumentos dessa organização e uma forma de começar a praticá-la.

E aqui, a nosso ver, que reside a originalidade do PES em Osasco. Situando-se como mais uma etapa num movimento iniciado por outras entidades o Programa tende, cada vez mais a colocar-se como uma proposta de organização social da comunidade favelada

Embora em junho 1973
Pouco usado.

ATRIBUIÇÕES DO ENPES

- ATIVIDADES NA IMPLANTAÇÃO

- Responsabilizar-se, juntamente com a COMUN:

· pela mobilização da comunidade para a implantação do Programa de Educação Comunitária para a Saúde;

· pelo recrutamento e seleção de monitores;

· pela mobilização de participantes.

- Contatar entidades que atuem na área de saúde e saneamento, solicitando colaboração para a implantação do PES.

- Conhecer os principais problemas e recursos na área de saúde e saneamento de seu município.

- Participar do treinamento básico.

- ATIVIDADES DE ROTINA

- Responsabilizar-se, juntamente com a COMUN, pela constante mobilização da comunidade para o desenvolvimento do Programa.

- Providenciar, junto com o ERAPE, a distribuição do material referente ao Programa.

- Informar a COMUN sobre suas atividades e sobre o desenvolvimento do Programa.

- Propiciar o entrosamento com entidades que atuem na área de saúde, visando a obtenção de informações e a integração de esforços no desenvolvimento do Programa.

- Manter-se atualizado, participando de treinamentos e reciclagens e efetuando contatos com ENSUG, SA, SE, e ANPES.

- Participar dos treinamentos GIS.

⇒ Colaborar com o SA, no planejamento das reuniões mensais.

- Manter contato sistemático com os monitores a fim de receber e dar informações, discutir problemas encontrados e possíveis soluções.

- Incentivar os monitores, ativando a execução dos planos de ação.

- Analisar os relatórios mensais dos monitores, preencher a parte referente a COMUN e enviá-los à COEST.

- Preencher mensalmente o seu relatório e enviá-lo à ANPES.

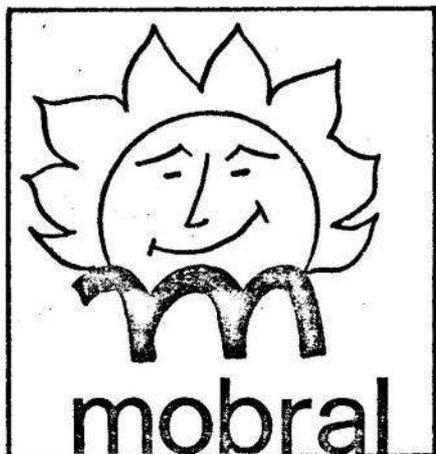
ATRIBUIÇÕES DO MONITOR

ATIVIDADES NA IMPLANTAÇÃO

- Participar da mobilização inicial da comunidade para o PES.
- Colaborar com a COMUN no levantamento dos locais para as reuniões do PES.
- Participar do recrutamento de participantes para o PES.
- Participar do treinamento básico para implantação do PES.
- Mobilizar os Alfabetizadores e alunos de AF para participarem do PES.

ATIVIDADES DE ROTINA

- Manter-se atualizado sobre os problemas e recursos da comunidade, na área de saúde e saneamento.
- Obter apoio de entidades ou pessoas que possam colaborar com o Programa.
- Planejar e desenvolver as reuniões semanais com o grupo-participante.
- Organizar com os participantes de seu grupo os planos de ação.
- Participar da execução das atividades previstas nos planos de ação.
- Avaliar, com o grupo, as ações realizadas.
- Participar das reciclagens mensais.
- Desenvolver um trabalho constante de mobilização na comunidade.
- Manter sempre contato com ENPES e ENSUG, informando-os de suas atividades e solicitando auxílio, quando necessário.
- Preencher o relatório mensal e entregá-lo à COMUN ao final de cada mês de trabalho.



O Programa de Educação Comunitária para a Saúde - PES - foi criado com o objetivo de melhorar as condições de saúde e higiene das populações. A melhoria dessas condições se daria pela mudança de hábitos e atitudes, decorrente de um processo educativo.

A formação de um grupo de trabalho chamado GRUPO PARTICIPANTE, dentro da comunidade, orientado por um elemento líder chamado MONITOR, é o ponto de partida para o desenvolvimento do PES. Esse elemento, após ser treinado e capacitado, orienta e desperta o grupo para a percepção dos problemas existentes na comunidade. Juntos, MONITOR E

Conceit
sua per
retri-
mhaço

GRUPO PARTICIPANTE, em encontros semanais debatem estes problemas, trocam experiências e procuram a melhor forma de solucioná-los.

Para tanto, planejam seu trabalho, visando a realização de ações cooperativas que venham responder aos problemas identificados, levando em conta as prioridades, os recursos materiais e humanos disponíveis e ainda procurando integrar esforços aos das entidades e profissionais da área de saúde.

Considerando a necessidade de fornecer ao MONITOR uma qualificação mínima em assuntos de saúde, o PES elaborou um MATERIAL DE APOIO - conjunto de livros, cartazes e folhetos - contendo assuntos diretamente relacionados aos principais problemas de saúde e saneamento, dentro do quadro brasileiro.

Além desse material, o MONITOR recebe um Roteiro de Ação para auxiliá-lo e orientá-lo no desempenho de seu trabalho.

O PES, como um processo educativo, cria raízes na comunidade fazendo com que seus elementos se sintam responsáveis por ela, contribuindo também para o seu desenvolvimento. É quando verifica que mudanças podem ser produzidas por seu próprio esforço, que a comunidade percebe de fato a importância do seu trabalho e se propõe, naturalmente a lhe dar continuidade.

*Colaboração de 1978
Em uso p/ SE PES p= treinamentos
de monitores.*

O PAPEL DO MONITOR DO PES

O Programa de Educação Comunitária para a Saúde - PES - vem procurando desenvolver nas comunidades o hábito de pensar nos seus problemas e por em prática as soluções possíveis. O êxito desse trabalho e, conseqüentemente, o sucesso do próprio Programa dependem muito do desempenho do Monitor junto ao Grupo Participante.

QUEM É O MONITOR DO PES

Para que os objetivos do PES possam ser alcançados é importante que:

→ O MONITOR ACREDITE NAQUILO QUE ESTÁ FAZENDO

- . transmitindo ao grupo a confiança nos resultados do trabalho
- . possibilitando ao grupo se acostumar a Pensar - Decidir - Agir

→ O MONITOR TENHA DISPOSIÇÃO PARA O TRABALHO

- . enfrentando com o grupo as dificuldades que possam ocorrer
- . realizando com o grupo as atividades planejadas

→ O MONITOR TENHA ENTUSIASMO E INTERESSE PELO TRABALHO QUE VÃO REALIZAR

- . animando o grupo a falar e trocar idéias nas reuniões
- . buscando encontrar, junto com o grupo, as melhores soluções para os problemas

→ O MONITOR SAIBA SE COMUNICAR COM O GRUPO

- . procurando falar de forma simples e clara para ser bem compreendido por todos
- . aproveitando as contribuições, idéias e sugestões de cada um.

→ O MONITOR NUNCA SE DISTANCIE DOS INTERESSES DO GRUPO

- . para que todos se sintam responsáveis pela realização das ações planejadas
- . mostrando que os interesses individuais não podem prevalecer diante do interesse maior do grupo

→ O MONITOR SEJA, DE FATO, UMA PESSOA DO GRUPO

- . respeitando todos os participantes
- . aceitando as decisões tomadas pelo grupo
- . conquistando a confiança e a compreensão de todos
- . participando ativamente com o grupo na execução das atividades planejadas

É importante que o Monitor se interesse realmente pelos problemas da sua comunidade

A carta que se segue mostra como a Monitora Raimunda Seixas Abreu conseguiu entender perfeitamente a importância e a dimensão do seu trabalho:

"Chegou ao nosso município o PES; graças a Deus. A anos vivia trabalhando nesse sentido sem compromisso, apenas porque não posso viver sô para mim. Mas a partir do momento que me comprometi para ser um dos monitores do PES, senti segurança em meu trabalho. Não sou a ENPES, mas farei o que estiver em meu alcance. Estou finalizando o último ano do 2º grau, somente agora que me senti realizada. Um abraço,

Raimunda"

Viana, Maranhão/77

Trabalhando com o Grupo Participante

No decorrer do seu trabalho, o Monitor precisa se lembrar que:

→ A função do Monitor é coordenar o Grupo Participante

- . ajudando-o a compreender os objetivos do PES
- . incentivando-o a refletir sobre seus problemas
- . orientando-o na escolha das soluções, conforme os recursos disponíveis na comunidade
- . estimulando-o na realização das ações para solucionar os problemas identificados

Observe o que diz essa nossa Monitora:

"Fiquei sensibilizada com a carta que recebi de vocês, pois ela foi mais um estímulo para que eu continuasse lutando cada vez mais pelo bem estar da minha comunidade. Como sabem, sou uma Monitora do PES, batalhando fortemente pela educação comunitária, pelo meio ambiente, e pela saúde de cada um a quem me dirijo. Dou tudo de mim e me entrego de corpo e alma para vê-los em todas as reuniões, dialogando, trazendo novas idéias, apresentando fatos e

fazendo junto com eles novas descobertas. E se mais não faço é porque nosso meio é um pouco atrasado, e não temos material suficiente. Mas com tudo isso, nossas reuniões acontecem num clima saudável, onde todos assistem aquelas instruções, realizam seus trabalhos procurando melhorar suas vidas. Posso salientar a melhora que há entre eles, pois cada um procura, dentro do seu padrão de vida, aperfeiçoar sua rotina cotidiana, seguindo o caminho do bem e enfrentando a vida trabalhando. Portanto, sinto-me muito feliz em estar ajudando aqueles que precisam. Bom seria se um dia nós pudéssemos nos encontrar pessoalmente para expor todos os problemas."

Liduína, Bela Cruz/Ceará

Agosto/77

→ O Monitor nunca deve assumir as responsabilidades e atividades pelo grupo.

- É importante que os participantes estejam envolvidos na execução das atividades que eles mesmos planejaram. Assim, todos estarão contribuindo para a melhoria da vida de sua comunidade.

O grupo deverá descobrir por si mesmo que o trabalho comunitário dá bons resultados e pode ser bem sucedido se contar com a participação de todos.

→ No seu trabalho, o Monitor deve procurar fazer com que todo o grupo esteja realmente de acordo com o que vão Discutir - Decidir - Realizar.

- O Monitor, por isso, precisa mostrar a todos a importância de falar e dar opiniões para que o grupo possa chegar a uma mesma conclusão

Muito difícil
p/ o monitor com muitas pessoas

Comer + Para que todos se sintam bem à vontade durante as reuniões, o Monitor deverá:

- pedir que cada um se coloque de tal forma que possa ser visto e ouvido por todos;
- mostrar que a reunião do PES não é uma aula e que todos estão ali, por livre e espontânea vontade, para buscar soluções para seus próprios problemas;
- tratar a todos como amigos, incentivando a formação de um clima positivo no grupo;

memórias!
EX
niões

- deixar claro que todos estão juntos pelos mesmos motivos e que têm idéias e sugestões a dar, pois são pessoas com experiências diferentes de vida.
- deixar que o próprio grupo determine os assuntos a serem discutidos e escolha a solução para os problemas e as formas de chegar a ela.

Uma pergunta que o Monitor deve sempre fazer é:

O que o nosso grupo pode fazer para melhorar a vida da nossa comunidade?

Cabe ao Monitor e ao Grupo Participante, juntos, decidirem o que vai ser feito durante o Programa. No PES, Monitor e Grupo Participante PENSAM, DECIDEM e AGEM JUNTOS.

AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SANITÁRIA
PROJETO DE PESQUISA DE CAMPO

I - APRESENTAÇÃO

Em todo programa educacional a avaliação desempenha papel de grande importância, pois através dela é possível verificar se os objetivos propostos foram efetivamente alcançados e, ainda, acompanhar, de forma crítica, o processo, interferindo no mesmo, quando necessário.

A necessidade da avaliação torna-se mais imperiosa quando se trata de um Programa de caráter experimental, em que uma nova metodologia está sendo testada. É este o caso do Programa de Educação Sanitária.

Deve-se considerar ainda que a continuidade e expansão do Programa, dependem de financiamento externo, necessitando, portanto, de uma análise apurada do seu funcionamento a fim de que se demonstre a sua eficácia e pertinência.

Paralelamente, essa avaliação possibilita uma realimentação permanente bem como reformulações imediatas.

Assim sendo, a avaliação, como um processo contínuo, tem sido uma constante em todas as etapas do PES.

Acompanhando o processo de implantação e desenvolvimento do Programa fazem parte de sua avaliação as seguintes etapas:

1 - Avaliação da implantação:

1.1 - Sistemática de implantação:

- Nesta etapa é avaliado o trabalho de mobilização inicial em todos os municípios selecionados, considerando-se a receptividade e o envolvimento das autoridades, entidades e comunidades, em geral, e o recrutamento dos recursos humanos e materiais, necessários ao seu desenvolvimento.

1.2 - Treinamentos:

- Nesta etapa é avaliado o trabalho de capacitação dos recursos humanos envolvidos no desenvolvimento do Programa.

2 - Avaliação do desenvolvimento:

- Nesta etapa são avaliados a participação dos grupos, das entidades e comunidades; os assuntos tratados nas reuniões; as ações realizadas, em realização e as previstas; a utilização do material de apoio. Para tanto, conta-se com as informações obtidas através dos relatórios mensais dos monitores e com informações coletadas mensalmente pelos supervisores.

3 - Pesquisa de campo:

- Nesta etapa será realizada uma pesquisa de campo que tem por objetivo comprovar a veracidade das informações obtidas na etapa anterior, permitindo uma observação mais direta do comportamento das comunidades atingidas pelo PES, em relação à saúde e ao saneamento.

4 - Avaliação final:

Considerados os dados obtidos nas etapas anteriores será feita a avaliação final do PES e as reformulações necessárias, tendo em vista a expansão do Programa a nível nacional.

II - DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

- O efeito do PES na melhoria das condições de saúde e saneamento das comunidades pertencentes à área de atuação do Programa, em consequência de uma mudança de atitude em relação a problemas destas áreas e da realização de ações resultantes da aplicação de sua metodologia.

*PES → mudança de atitude
realização de ações → melhoria de condições de saúde e saneamento*

III - JUSTIFICATIVA

Considerando a necessidade de avaliar, com a maior exatidão possível, a metodologia e os resultados alcançados pelo PES e, levando em conta que é pela observação direta que se pode constatar, efetivamente, uma mudança de atitudes em relação à saúde e ao saneamento, por parte das comunidades atingidas pelo Programa faz-se mister realizar uma pesquisa de campo.

Esta pesquisa será realizada por amostragem uma vez que se quer utilizar recursos humanos qualificados, não envolvidos, diretamente, na execução do Programa, a nível local, de modo a se obter dados isentos, descomprometidos e o mais uniformes possível.

IV - OBJETIVOS

GERAL

Verificar se os objetivos propostos pelo Programa de Educação Sanitária foram efetivamente atingidos, resultando numa melhoria das condições de saúde e saneamento das populações residentes em sua área de atuação.

ESPECÍFICOS

- Verificar as ações realizadas, pelos grupos participantes, em função do desenvolvimento do PES,
- Constatar uma mudança de atitude em relação aos problemas de saúde e saneamento das populações envolvidas no Programa.
- Verificar a viabilidade e a eficácia da metodologia do Programa.
- Avaliar a utilização, adequação e funcionalidade do material de apoio do Programa.
- Verificar o interesse despertado pelo PES e a permanência do mesmo durante o seu desenvolvimento.
- Verificar o interesse das comunidades pela continuidade do PES.
- Verificar a colaboração dada ao PES por entidades e profissionais de saúde, e áreas correlatas.
- Avaliar o desempenho dos recursos humanos envolvidos no Programa.
- Comprovar a veracidade das informações obtidas através dos relatórios mensais dos monitores.

V - ÁREA DE ATUAÇÃO

Localidades rurais e urbanas, em municípios definidos estatisticamente, nos Estados do PI, CE e PB.

VI - INFORMANTES

- Monitores
- Participantes
- Autoridades e representantes de entidades
- Elementos da comunidade, não participantes (a definir com o SEPES o número de cada).

VII - VARIÁVEIS

- Interesse e participação da comunidade
- Frequência e participação dos participantes
- Participação da COMUN
- Participação de entidades
- Participação de profissionais de saúde
- Participação do PES em programas de entidades locais
- Atendimento às necessidades sentidas pelo grupo/comunidade
- Utilidade/utilização das realizações do PES

- Desempenho de monitores
- Desempenho de ENPES

- Utilização do Roteiro
- Utilização dos livros de conteúdo
- Utilização dos cartazes
- Utilização dos folhetos

- Preenchimento dos relatórios de monitores
- Local de reuniões
- Reciclagens mensais

- Conscientização do valor da alimentação variada
- Hábitos alimentares
- Obtenção de alimentos/novos alimentos
- Conservação, preparo e higiene dos alimentos
- Adequação da alimentação à idade e estado físico

- Higiene corporal
- Higiene/cuidados com a casa
- Higiene da água
- Destino dos dejetos
- Destino do lixo
- Presença de animais na residência

- Controle de vetores (ratos, mosquitos, pulgas, barbeiros etc.)
- Vacinação
- Identificação/encaminhamento/tratamento de doentes
- Tratamento/higiene de dentes

- Controle/condições higiênicas da gestante
- Controle/condições higiênicas do parto
- Controle/condições higiênicas do puerpério
- Controle/condições higiênicas e alimentares do recém nascido
- Condições higiênicas e alimentares da criança
- Prevenção de doenças da infância

VIII - ROTEIROS

1 - Representantes de entidades, elementos da COMUN, autoridades, profissionais de saúde e outras pessoas da comunidade

- . nome e função do informante
- . entidade a que pertence
- . serviço que presta a entidade ou o profissional
- . conhecimento sobre o PES
- . colaboração dada ao PES, porque colaborou ou não
- . quem solicitou colaboração
- . espécie, número e pessoas envolvidas na colaboração
- . impressão sobre contato com o grupo do PES
- . mudanças de atitudes percebidas em indivíduos e na comunidade, após implantação do PES
- . ações decorrentes do PES de que tomou conhecimento e sua utilidade e permanência
- . opinião sobre PES e necessidade de continuação
- . benefícios do PES para o trabalho da entidade ou profissional, ou para sua própria vida
- . adequação às necessidades da comunidade e/ou alteração na programação da entidade em função do PES

2 - Para monitores, participantes e outras pessoas da comunidade

- . nome e profissão
- . residência (Zona Rural ou Urbana)
- . nível de escolaridade
- . nível salarial
- . número, sexo e idade das pessoas da família
- . condições da residência (antes e após o PES): terreno, número de cômodos; condições de abastecimento e higiene da água; remoção dos dejetos e do lixo; iluminação; piso, teto e parede; existência de insetos e ratos
- . condições de higiene da família (antes e após o PES): banho, limpeza de dentes, roupas e calçados
- . condições de alimentação da família (antes e após o PES): quantas vezes come; o que come; alimentação das crianças; obtenção e higiene no preparo; que utensílios usa
- . pessoas doentes na família (antes e após o PES): que doença tem, como trata, a quem consultou, cuidados para evitar contágio, o que fez para evitar
- . vacinas tomadas pelas pessoas da família (antes e após o PES): quem se vacinou; quais as vacinas; onde foram vacinados; se não se vacinaram, porque; a vacinação decorreu de trabalho do PES ou não
- . Opinião sobre o Programa e necessidade de continuação

3 - Monitores (específico)

- . local de trabalho no PES (Zona Rural e Urbana, próximo ou não da residência, tipo de local das reuniões)
- . ligação com a área de saúde (por profissão, curso ou experiência)
- . frequência do grupo às reuniões: aumentou/diminuiu/permaneceu; mais adultos ou crianças; mais homens ou mulheres, se possível quantificando; relação da variação da frequência com fatos específicos

- . interesse do grupo nas reuniões: aumentou/diminuiu/permaneceu o mesmo; a que atribui isto; assuntos que despertaram maior interesse; fatos extraordinários que tiveram efeito positivo ou negativo no interesse durante as reuniões
- . palestras e demonstrações realizadas durante as reuniões: quantas, quem realizou, assunto tratado, interesse despertado
- . planejamento de ações: ações planejadas eram do interesse de todo o grupo, de parte do grupo e de seu próprio interesse, quem sugeriu a ação, porque se resolveu planejar esta ação
- . ações realizadas pelo grupo: quantas, quais foram, número de pessoas do grupo que participaram, número de outras pessoas da comunidade que participaram; entidades e profissionais envolvidos (em que colaboraram); dificuldades encontradas; utilidade e permanência da ação
- . mudanças observadas após o PES: nos participantes (atitudes), nas casas dos participantes; na comunidade (nos aspectos ligados à saúde)
- . utilização do Roteiro: foi utilizado só no Treinamento ou durante todo o desenvolvimento do PES; achou alguma coisa difícil, o quê; faltou alguma informação; ajudou a compreender como realizar o trabalho; opinião sobre o Roteiro
- . utilização dos 4 livros: utilizou ou não; achou alguma coisa difícil, o quê; faltou alguma informação necessária; qual utilizou mais e porque, opinião sobre os livros
- . utilização dos cartazes: utilizou ou não; para tratar de que assunto; despertaram interesse ou não; ajudaram no desenvolvimento da reunião; ajudaram a dar informações pretendidas; opinião sobre cartazes, quais os mais usados, quais os não usados e porque
- . utilização dos folhetos: distribuiu ou não; leu e discutiu com o grupo ou não; distribuiu quando o assunto foi levantado pelo grupo ou não; interesse dos participantes; opinião sobre folhetos
- . outras fontes de informação: buscou ou não outras fontes; quais: pessoas, publicações, outras; assuntos pesquisados
- . auto-avaliação: acha-se qualificado pelo Treinamento dado; acha-se capaz por formação anterior e características pessoais; teve alguma dificuldade; pontos positivos e negativos de seu trabalho.